

Da ex-sistência e de seus furos♦

Marcus André Vieira

I

Parto da premissa de que o tipo específico de laço do cartel pode ser parâmetro para uma política, assumindo que o cartel, no plano coletivo, é uma “tomada de posição” quanto ao que seria uma política própria à psicanálise.

Aqui, trata-se da questão do desdobramento deste tipo de laço específico em uma situação especial, a da Escola. O tipo de laço do cartel forma, segundo a proposta de Lacan em seu “Ato de Fundação”, a base de um modo laço específico, o *modo Escola* de reunião de praticantes da psicanálise.¹

Tomamos a expressão “desejo de ex-sistir” [*l’envie d’ex-sister*] destacada por Clara Holguin em *D’écologie*, texto maior de Lacan sobre o cartel. É nesse contexto que Lacan fala do desejo de ex-sistir.²

A Escola é o lugar em que se pode fazer ex-sistir o inconsciente e o cartel seu laboratório de base. Dito de outro modo, *nossa política é a da ex-sistência*.

II

Gostaria de propor, a partir do que o cartel ensina, que essa formulação é bem mais precisa do que se disséssemos nossa política como uma *política do furo*.

Usamos o termo *furo* de muitas formas, como sinônimo de movimento, castração, obstáculo à totalização e à uniformização, “furo no saber” como vazio por onde circula o ar do desejo e ainda outros sentidos. Em todos estes sentidos *furo* remete a uma direção clínico-política.

O perigo é esquecer que o furo só é furo entre-dois. Não há furo, *per se*. O furo não anda pela rua. Retomo o modo como Clara Holguin situa a experiência do inconsciente como a de um saber que não se sabe e uma verdade sem conteúdo.³

Uma *verdade sem conteúdo* é exatamente o que aproximamos intuitivamente de um furo. Uma experiência sem conteúdo definido, a presença de uma ausência. Contudo, sempre se acompanha, em sua borda, de um *saber que não se sabe*. Este último, não é vazio, sem conteúdo, é o modo como Lacan descreve a o aspecto material da experiência do inconsciente. O da apresentação, na consciência de um fragmento de memória esquecido que retorna, por exemplo. Aquele que faz as históricas de Freud afirmarem ao encontrá-lo que não sabiam que sabiam aquilo, o que é selo do recalque.

III

De todo modo, o real do inconsciente é “Hiância e Texto”, como diz Lacan no *Seminário 11*.⁴ Não há um sem outro. O texto pode vir cheio de sentido, ou se incorporar facilmente no plano do sentido, pode ainda ser bastante esvaziado de sentido, letra de gozo, marca

♦ Texto redigido para as Jornadas de Cartéis 2025 – Seção Rio.

de um acontecimento de corpo, mas é sempre também traço. E é ele que traz consigo o furo.⁵

Sigo com o furo e o texto. Já saímos do senso comum do que é um furo, o de um buraco no asfalto, por exemplo. O furo que nos interessa não é esse. O furo que conta na análise é produto de um texto que corta, que surpreende por ser desencaixado, que abre o espaço entre o par S1-S2, permitindo, a partir desse texto novos encadeamentos. O furo se instaura no tempo da surpresa, do texto que irrompe e que, dessa forma, ex-siste - ao menos enquanto não for digerido. Sua ex-sistência, em um sentido radical, é a do tempo do *Esp de um laps*, segundo a expressão de Lacan a que J. A. Miller deu destino de paradigma.⁶

Então, proponho o seguinte: *O texto que corta ex-siste* (pelo menos antes de ser incorporado) e seu efeito é o furo.

IV

O Cartel ensina sobre “fazer furo” não pela intervenção de alguém sobre a fala de outro. Isso parece mais uso de força que de interpretação. Sim, o furo é questão de ato, mas ato coletivo.

Neste sentido, o cartel seria um modo coletivo de produzir o efeito de furo, surpresa com um fragmento de língua, que pode ir desde uma lembrança até uma letra de gozo, *lalíngua*.

Cada um entra com seu nome (e seu traço) e o cruzamento entre os traços de cada um, com sorte, produz um enlace. Quando isso acontece, quando um cartel “dá liga”, aí sim, temos um furo que atua, no sentido mesmo de permitir enlaces e não apenas impedir totalizações. É o enlace que impede qualquer totalização.

V

Se repararmos bem são três elementos em jogo. O texto que corta, é letra que ex-siste, o efeito de furo que ela traz, sobre o par S1-S2, até então bem encadeados. Ela articula uma *Ex-istência* (do material ics), *Furo* (seu efeito de verdade, fora do sentido) agindo (e abrindo) sobre a *Consistência* do discurso do ego, da consciência.

O furo, então, *se dá em um nó*. É preciso três para que se apresente a divisão do sujeito. Fica mais dinâmico. O furo é coisa de acontecimento, ele não está sempre lá (como se a gente é que não pudesse ver).⁷

Assim entendo como podemos falar em solidão e silêncio em uma experiência, a do cartel, quando o que predomina é o estar juntos, e falando sem parar. Se cada um chegasse e entrasse no jogo com seu furo, sua solidão, como se fossem sua propriedade, estaríamos longe da animação que tantas vezes acompanha um encontro de cartel. É que a solidão de uma experiência singular de encontro se dá no cartel, com outros, mas não pertence a ninguém.⁸

VI

Antes de terminar, uma palavra sobre o *mais-um*. Se seguimos minha ideia do furo como acontecimento entre vários, somente quando o traço de cada um vai ex-sistir ao do outro o mais-um poderá ser furo. Nestas condições, sim, ele encarna o furo. Se, ao contrário,

contamos demais com seus poderes, quase sobrenaturais, de se eclipsar e deixar no lugar um furo, ele tende a se tornar mestre, mestre negativo, mas não menos mestre.⁹

Não seria a atenção e facilitação da produção dos cartelizantes a melhor maneira de fazer ex-sistir textos que cortam e os furos que provocam? Entendo “produto”, aqui, não necessariamente como um texto, mas tudo o que ocorre de ex-sistente ao longo das conversas e que ocasionalmente se deposita com texto.

VII

Para concluir. Vemos como a bela metáfora do campo, de Judith Miller destacada por Clara, é precisa. O *Campo Freudiano* não é um chão de terra batida, mas um campo de colheita. O discurso analisante também, sua história não é plana, lisa, mas preme de rizomas. O que brota, ex-siste ao campo. É o estado de fertilidade do campo, que decidirá, mas igualmente o ato da colheita.

Nossa dificuldade é que hoje S1-S2 tendem a se *holofrasear*, a funcionarem como bloco rígido de significação fechada. Colados de um jeito louco pelo imaginário individualista, alimentado pelo sistema de crenças neoliberal, tornam-se ainda mais rígidos que asfalto, nem buraco nem furo, nem ex-sistência parecem ser passíveis de acontecer. É a era do terraplanismo subjetivo.

Neste contexto, mais vital ainda o modo de laço do cartel que nos ensina que não haverá furo se o tomamos como um dado prévio. O furo não é ponto de partida. Não é, tampouco, de chegada - como produto a ser obtido, ou uma terra de humildade a ser alcançada. O furo, como o real de Guimarães Rosa, se dispõe é no meio, na travessia, a da conversa fiada (eafiada) pelos encontros e produções dos cartelizantes.

¹ Lacan, J., “Ato de fundação”, Outros escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003. p. 248-264.

E, também, remetimento a meu texto: Uma leitura do Ato de fundação de Jacques Lacan. Publicado na revista Arquivos da biblioteca, n. 18. EBP-Rio: Rio de Janeiro, 2024.

² “O erro de Freud foi ter deixado os analistas sem recursos, e portanto, sem outra necessidade além daquela de se sindicalizarem. Eu tentei inspirar-lhes outro anseio, aquele de “ex-sistir””. (Lacan, J. (1980). D’Écolage. *Revista da Letra Freudiana*: Escola, Psicanálise e Transmissão, Documentos para uma Escola, ano I, n. 0, Rio de Janeiro, s/d.

³ Holguin, C. Um laço êxtimo: solidão com laço – Sobre o ato analítico e a garantia. Jornadas EBP-SP, 2019. Disponível em: < <https://ebp.org.br/sp/um-laco-extimo-solidao-com-laco-sobre-o-ato-analitico-e-a-garantia/> >

⁴ Lacan, J. (1964). O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p. 8.

⁵ Neste ponto pergunto à Marcela Baccharini: O paradoxo do analista de que você trata, não pode ser abordado por este paradoxo do furo? A “não essência” ou a “inexistência” do analista, como forma definida, por um lado e a necessária formação do analista por outro?

⁶ Miller, J. A. “El reverso del pase”. In: *El ultimísimo Lacan*. Buenos Aires: Paidós, 2014, p. 96.

Retomo a questão para Marcela: Você propõe que “a ausência de identidade que lhe determina [ao analista] faz com que cada um precise se valer da presença dos demais para buscar a resposta do próprio enigma”. Essa dialética entre traço e furo não permitiria que a resposta do próprio enigma fosse pensada como meio de lado, ex-sistente? Se essa resposta ex-siste, não dura apenas o tempo do encontro com o saber corta? Não seria o contínuo relançamento da experiência, permitido pelo encontro com os outros, no cartel, por exemplo, a melhor resposta?

⁷ Assim entendo a afirmação de Giselle Brandão sobre uma “nova estrutura da falta”. Giselle, você pôs em homologia o Furo no saber e o furo na formação. O que acha da proposta de Marcela do paradoxo de uma formação sem forma? Outra pergunta: Você afirma que o “cartel é o meio a acolher e causar furos”. Gostei muito. Tentei destacar como “causar furo” é o essencial. Você enumera três aspectos do furo no saber em jogo no cartel e considera os três efeitos de formação. “O saber não-todo do Mais-Um, 2) do saber escorregadio e não sabido dos cartelizantes, 3) da angústia do não saber sobre o texto lacaniano. O que pensaria de assumir que só articulados funcionam, ao modo do nó?” Gabriela Ponte Rodrigues insistiu também em uma tríade, um nó... entre cartel, escola e análise. Gostei muito do modo como opõe o feminino e gozo fálico. De um lado, o furo das zonas erógenas, orifícios, da lógica da caverna, e de outro um “furo que não recorre aos furos corporais para se fixar”. Esse furo fluido, feminino, pode ser aproximado do que estou propondo como furo no coletivo?

⁸ Pergunto a Heloisa Bedê: O risco do traço, uns com os outros, como seria? Risco do entrecruzamento? Proponho a você uma inversão: primeiro o coletivo, depois o correr o risco do traço singular seu entrecruzar-se entre vários, para só então o encontro com um traço novo, que ex-siste e nomeia a singularidade, de banda, como deve ser. Finalmente, o risco de que você fala, poderia ser abordado a partir do que Lacan definiu como transferência de trabalho?

⁹ É o que ensina, como contra-exemplo o que Veridiana Paes e Barros traz. O cartel tendia a substituir o integrante que queria sair. Daí ela teve que fazer o furo “na marra” por um ato de dissolução. Pergunto a Veridiana: em que pé estavam os produtos no cartel em questão?